



Diálogos

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v20n1>

ISSN 2177-2940
(Online)

A2

ISSN 1415-9945
(Impresso)

Formação de Professores e o desafio da ética

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v20n1.32283>

Maria Judith Sucupira da Costa Lins

Professora Associada no Departamento de Fundamentos da Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, Brasil.

Palavras-chave:

Formação de professor;
ética; sociedade; escola.

Keywords:

Teacher Training; Ethics;
Society; School.

Palabras clave:

Formación del Profesor;
Ética; Sociedad; Escuela.

Resumo

Este artigo focaliza a formação de professores quanto à ética como desafio atual. O objetivo é discutir a formação de professores e o desafio da ética. Ética é um desafio para professores. Apresentamos tópicos principais da formação de professores concernentes ao desafio da ética. A fundamentação teórica está nas ideias de Alasdair MacIntyre. Este artigo traz para a discussão nas sociedades os desafios da formação de professores de todas as disciplinas lembrando o que um professor vai encontrar na escola em seu trabalho diário baseado na necessidade de viver a ética e transmitir a seus alunos a prática da ética.

Abstract

Teacher's Education and the ethics challenge

This article focuses teacher's education concerning the problem of ethics, which is a modern challenge. The aim of this article is to discuss about teacher's training and the challenge of ethics. Ethics is a social challenge especially for teachers. We present here main topics of teacher's education according to ethics challenge. The theoretical foundation is the idea of Alasdair MacIntyre's philosophy. This article brings to discussion in societies the challenges that a teacher will find at school in all subjects in his/her daily work based in the necessity to live ethics and to teach the students the practice of ethics.

Resumen

Formación de Profesores y el desafío de la ética

Este artículo señala la Formación de Profesores en cuanto a la ética como desafío actual. El objetivo es discutir la formación de profesores y el desafío de la ética. Ética es un desafío para los profesores. Se presentan los principales temas de la formación de los profesores con relación al desafío de la ética. La fundamentación teórica está en las ideas de Alasdair MacIntyre. Este artículo trae para discusión en las sociedades los desafíos de la formación de profesores de todas las asignaturas, recordando qué el profesor se va a encontrar en la escuela, en su trabajo diario, basado en la necesidad de vivir la ética y transmitir a sus alumnos la práctica de la ética.

Introdução

Muito se tem falado sobre formação de professores. Discute-se o tema a partir de diferentes perspectivas, tais como os conteúdos curriculares próprios a cada área de ensino, a legislação referente, os investimentos necessários para implantação e manutenção de cursos de formação de professores, identificação das pessoas para quem estes cursos se destinam e outras. Este é um problema concreto da realidade educacional escolar do qual se pode afirmar que

Há décadas discute-se em congressos, seminários, cursos e outros eventos semelhantes, qual a formação ideal ou necessária do professor do ensino básico (fundamental e médio) numa demonstração ostensiva de insatisfação generalizada com relação aos modelos formativos vigentes (AZANHA, 2004, p. 369).

Este artigo analisa a questão da formação de professores sob um ângulo específico que é o desafio da ética. Não nos debruçaremos sobre os outros aspectos igualmente fundamentais para a formação dos professores. Sem ignorar a importância dos demais, vamos nos deter na reflexão sobre o que representa o desafio da ética para a formação de professores.

Em primeiro lugar é preciso que se entenda o significado filosófico do emprego da expressão “professor”, a qual indica um ser humano, e por isso nesta palavra estão incluídos homens e mulheres que estejam investidos de uma formação que os habilita ao exercício desta profissão. Dada esta explicação, continuaremos o texto utilizando o termo “professor” com a preocupação de englobar todos os seres humanos que exercem essa vocação e sem nenhum receio de se estar infringindo algum direito de alguém. O professor é o educador (MENDES, 1983) que tem uma função delineada para atuar diretamente com os

alunos e cujo exercício é sistematizado basicamente em sala de aula, agindo assim de forma diversa de outros educadores que também têm seu papel na sociedade. O professor é um educador que recebe uma formação precisa, calcada em pesquisas que revelam a necessidade e a legitimidade do empreendimento de informar e formar crianças e jovens.

O tema deste artigo se justifica plenamente pela observação da ausência de estudos sobre ética nos cursos de licenciatura (LONGO, 2009) e pelo crucial papel da ética na vida particular e profissional das pessoas, notadamente do professor, que segundo MacIntyre (1984) tem características próprias pessoais e sociais que o tornam um personagem significativo para a vida ética da comunidade.

Uma vez que já definimos o problema a ser tratado, explicitamos os objetivos, os quais se referem a um questionamento do significado da ética na formação do professor e a postura do professor face aos valores éticos. Assim é que por meio de uma reflexão apoiada em bibliografia pertinente procuraremos entender a presença da ética dentro da construção do ser do professor e a decorrente preocupação do professor em ensinar ética juntamente com os conteúdos curriculares. Diante desta finalidade, organizamos nossas ideias sem uma preocupação com um grau específico de atuação do professor e consideraremos o professor naquilo que há em comum com este profissional independente do assunto a ser ensinado e do nível da escolarização em que está atuando.

Com a preocupação específica acima descrita, perguntamos o que é a formação do professor e como a ética se apresenta de maneira a se constituir um desafio. Para que se faça uma melhor compreensão, sem, contudo, vir a ser nem mesmo uma breve história da ética, buscamos uma conceituação que servirá de fio condutor do pensamento aqui expresso. O tema da ética observado do

ponto de vista da formação do professor é de especial interesse por sua centralidade.

É necessário se analisar como está sendo pensada a formação do professor, pois de maneira geral esta é vista frequentemente como um conjunto de estudos que não é suficientemente preocupado com as realidades da escola (SMAGORINSKY et al., 2003). Este distanciamento dos programas de formação do professor em relação ao que acontece na escola traz consequências graves para a educação dos alunos. Deste modo, insistimos na revisão dos objetivos e da estrutura dos cursos de formação de professor de modo que introduzam estudos concernentes não só aos conteúdos particulares como também à aprendizagem sobre ética.

Posto o problema central da discussão realizada neste artigo, vejamos o significado da formação do professor e a partir desta clarificação, quais são as questões de ética presentes nesta. Apresentamos no final uma proposta para continuidade da reflexão sobre este importante ponto da reflexão pedagógica.

Significado da formação do professor

É interessante observar que ao analisarmos a formação do professor se deve saber que não se trata de um treinamento, relativo a uma repetição mecânica de uma atividade, nem muito menos de um adestramento. A formação do professor significa um trabalho que abrange diferentes áreas de conhecimento para que haja a sua capacitação completa, incluindo basicamente uma sólida fundamentação em aspectos filosóficos, sociológicos, históricos, psicológicos e biológicos da educação e acrescida a esta, a indispensável competência e domínio do conteúdo específico e dos complementos didáticos pedagógicos.

A preocupação com a qualidade dos professores vem se revelando em testes e avaliações contínuas, no entanto, é preciso

que se vá mais além, conforme argumenta Ausubel e Robinson (1969) destacando que exames podem aferir conhecimentos técnicos, mas nem sempre indicam as características fundamentais da personalidade e do relacionamento com os alunos. A compreensão da qualidade dos professores que se pretende é um determinante da organização dos cursos de formação. As avaliações do exercício do professor em sala de aula são importantes, contudo estas não podem se restringir a elementos estáticos, pelo contrário, precisam abranger a totalidade de sua pessoa e do seu agir.

Note-se que ao citarmos a fundamentação em aspectos filosóficos é preciso que se entenda que esta consiste num elenco de tópicos dentre os quais a ética está incluída. Valores éticos são reconhecidamente parte integrante da filosofia. Desenvolvimento da amizade, do respeito e a motivação e entusiasmo dos alunos são elementos que devem ser também observados sob o prisma das virtudes e valores. Deste modo, a formação do professor é ampliada e precisa ser planejada em toda a gama de possibilidades criadas por sua presença influenciadora em sala de aula.

O que significa a formação do professor?

Muitas vezes tem sido questionada a formação do professor em seu significado e a polêmica se instala quanto ao conteúdo ou ao embasamento geral. Por conta de sua tarefa, a formação do professor significa o preparo que deve haver em função do serviço que vai ser prestado ao aluno. Lembremo-nos que o professor tem sua existência por causa do aluno. O que se pensa sobre a pessoa do aluno determina o significado da formação do professor. Entende-se então a centralidade da formação do professor de modo que possa servir ao aluno da maneira mais completa. A educação na sociedade pode assumir segundo Piaget (1977) a forma de ação coercitiva e a ação cooperativa. Esta ação cooperativa acontece quando o professor trabalha os

valores de modo que o aluno possa se desenvolver e chegue à autonomia que lhe permite discernir as questões de ética e resolvê-las.

O que se pretende com sua formação? Esta pergunta vem sendo feita constantemente sem, contudo, se apresentar uma resposta, por isso permanece em sua originalidade.

Os objetivos da formação do professor expressam o que se pretende desta e assim mais uma vez nos voltamos para a centralidade do aluno no processo educativo escolar. O que se pretende para o aluno determina os objetivos da formação do professor. Toda educação é uma atividade teleológica e seu processo é guiado pelos fins pretendidos, por isso se faz necessária a maior clareza destes. Muitas vezes se tem observado uma inversão dos fins e meios (MARITAIN, 1968) distorcendo a prática pedagógica. Os meios ganham a primazia e tomam a aparência de maior importância na escola, impedindo que o trabalho do professor seja concretizado. Esta questão muitas vezes é formulada diretamente em questão da finalidade: Formação para que? Formação para atender as necessidades dos alunos em suas manifestações, sejam intelectuais, sociais ou culturais, que interferem no processo de desenvolvimento.

A formação do professor não é uma modelagem nem o estabelecimento de um perfil restrito ao quais as pessoas que integram esta profissão devem se ajustar. Às vezes se ouve uma crítica ao próprio termo “formação”. O qual é tomado como indução a uma forma. Isto é artificial. Formação não é de maneira alguma a pretensão de se colocar alguém em uma forma preestabelecida que lhe fixará o seu ser e sua maneira de agir. Formação é a construção da personalidade integral e é devido a este posicionamento que não há nesta discussão o propósito de se organizar uma lista de características identificadoras do professor. Trata-se de uma elaboração pessoal e cultural que permita o

pleno exercício das finalidades da educação sistematizada em uma escola.

Para melhor entendermos o que se pretende com a formação do professor, é preciso se iniciar a reflexão por um olhar sobre o papel do professor. Todo professor é em primeiro lugar um educador. O professor tem uma tarefa crucial na transformação das pessoas, abrindo-lhes caminho para que façam a sua própria construção de ser individual e social, de pessoa que é cidadão e por isso, analisando a processo político educativo, concordamos que “a grande batalha se concentra sem dúvida, na criação de um novo professor” (MENDES, 1967, p. 77). O novo professor depende das diretrizes éticas e pedagógicas inseridas na política educacional de governo, mas principalmente na ideia que se tem sobre este profissional. A concepção de educador segundo este filósofo brasileiro, por exemplo, é possível de ser compreendida de forma tríplice, ou seja, o educador é visto enquanto professor, artista e agente social (LINS, 1996). Até mesmo autores que sustentam a postura do professor como um mediador e observador das inclinações naturais da criança, não ignoram a necessidade de uma clarificação do papel do professor, como se pode observar na seguinte citação:

Organizando o ambiente e a vida da criança neste ambiente, o professor intervém ativamente nos processos pelos quais os interesses da criança evoluem e os atos sobre estes precisamente do mesmo modo que ele influencia tudo do comportamento da criança (VYGOTSKY, 1997, p. 121).

É interessante notar como se estabelecem o papel e a ação do professor a partir da compreensão psicológica da natureza da criança expressa em seus interesses, que são respeitados, mas devem também ser orientados pelo professor. Ora, para que haja esta orientação preconizada é preciso que o professor esteja consciente de sua função e equipado com os

conhecimentos fundamentais sobre criança e adolescente, além do domínio dos conteúdos específicos do programa de ensino. Esta é a preocupação que se faz necessária na organização curricular da formação de professores.

A qualificação do professor é uma condição sem a qual o processo educacional como um todo não pode atingir as metas desejadas. Derivam da sua excelente formação os resultados que aparecerão no exercício da profissão em sala de aula. O binômio ensino/aprendizagem exige que professores sejam capazes de promover a sua concretização como um serviço à *polis*, na medida em que a escola na qual eles atuam é uma instituição social para todos. É urgente que se tenha a definição política do papel do professor, voltado para o bem comum e concernente com os problemas sociais. O ser humano é por definição social e sua realização acontece na *polis* numa conjunção entre as pessoas de modo que se trabalhe para alcançar a felicidade não individual, mas social.

É neste rumo que se encaminha a ideia de excelência para a formação do professor. Não se pode ficar satisfeito com a mediocrização de muitas iniciativas, pois seria incoerente se pretender uma formação de qualidade sem a correspondente organização de cursos com esta finalidade. Diante desta premissa, há que se levar em conta dois pilares de sustentação da formação de professores em alto nível: a. informação suficiente e adequada referente à área de ensino escolhida e b. a construção do cidadão ético e capaz de se dedicar a seus alunos de modo que estes se tornem cidadãos éticos.

Trata-se de uma situação ambiciosa, mas que se impõe quando se trata da questão educativa. Cada um destes itens tem demandas próprias, mas se completam. Estamos preocupados com a totalidade da formação do professor porque temos presente a sua importância. Nem sempre isto é consenso, basta nos lembrarmos da

proposta de Illich (1970) de uma sociedade sem escolas e, portanto, sem professores. Cabe recordar que depois de ter provocado algum debate, hoje não mais se fala nesta ideia que veio a ser considerada absurda.

Ao questionar para que a sociedade quer professores, perguntando: Professores para que? Gusdorf (1970) examina a relação entre esta, a escola e o profissional responsável pela educação das crianças e jovens dentro da instituição de ensino. Depois de uma análise, responde pela presença dos professores ao mesmo tempo em que insiste em uma formação mais ampla e na consciência destes de sua responsabilidade diante dos problemas, reivindicações e desafios da sociedade. As respostas a esta pergunta podem mudar segundo épocas e lugares, no entanto, o núcleo de consentimento tem permanecido, pois professores estão no contexto da sociedade porque os alunos precisam de alguém que lhes guie na caminhada em direção ao conhecimento de si mesmo, dos outros e do mundo.

Esta pergunta, feita pelo filósofo francês, para a qual ele dá respostas refletindo sobre o ser humano que se educa e conta com alguém apropriadamente preparado para isto, ressoa cada vez mais em nossos dias. As conquistas da ciência exigem uma postura inédita não só do professor, mas de todos os participantes da sociedade e levam cada vez mais à confirmação da necessidade de se refletir filosoficamente. Atento a estas revoluções da tecnologia na sociedade, Anísio Teixeira (1999) analisa os problemas educacionais brasileiros e conclama a sociedade para que sejam formados novos professores para o novo mundo. Todas as mudanças tecnológicas e ligadas à informática existentes hoje, e que certamente ainda serão mais espetaculares no futuro, não poderão substituir os professores. Os professores ao longo da história da humanidade, desde as escolas da civilização egípcia, por exemplo, têm um papel a cumprir, no difícil equilíbrio

entre os valores da tradição cultural e as novidades que brotam a cada dia.

Observando as incríveis mudanças ocorridas na cultura do final do século XX e relacionando as transformações com as questões da educação, Bruner (1996) ressalta:

Nenhuma reforma educacional pode ser efetivada sem que um adulto ativamente e honestamente participante – um professor com desejo e preparado para dar e partilhar ajuda, para confortar e impulsionar. Aprendizagem em sua total complexidade envolve a criação e negociação de significado em uma cultura maior e o professor é o representante da cultura (BRUNER, 1996, p. 84).

A cultura na qual vivemos se consolida pela escola e dentre as pessoas encarregadas de funções na escola o professor tem sua responsabilidade. Na escola a cultura se encontra em menor escala e a figura do professor representa para o aluno a síntese dos papéis sociais. Esta figura da escola como amostra da sociedade é trabalhada por Dewey (1953) que propõe um espaço para as crianças no qual elas possam viver as situações sociais e para isso o professor precisa estar atento às necessidades e capacidades dos alunos.

Questões de ética e formação de professores

O desafio da ética é concreto e se apresenta a todo ser humano de forma inevitável principalmente porque vive em sociedade. Desafios enriquecem as pessoas em suas avaliações, seu amadurecimento e nas tomadas de posição. Exigem decisões que respeitem critérios e por isso criam pessoas fortes em suas respostas. Os princípios éticos guiam a ação das pessoas, não são condicionadores do comportamento, pelo contrário, apontam significações para que livremente a opção seja feita. Desafios levam à deliberação que se segue ao discernimento necessário para o julgamento da situação.

Ética parece que é uma palavra que vem e vai ao sabor dos modismos, no entanto significa algo permanente e fundamental na vida de cada pessoa em particular e da sociedade inteira. Não se trata apenas de um vocabulário usado pelas pessoas em determinada circunstância, mas de um profundo sentido da vida individual e social. Muitas definições têm surgido sem que, no entanto, a raiz que alimenta todos os ramos possa ser esquecida. *Ethos* é a palavra grega que designa a vida em comum guiada por elementos que visam proporcionar aos cidadãos da *polis* a harmonia.

Todo ser humano se empenha em busca da felicidade, e este é o motor primeiro de sua atividade (ARISTÓTELES, 1992) e para que seja encontrada faz necessária a vivência da ética. A proposta aristotélica de busca da felicidade é que esta será alcançada por meio das práticas das virtudes na vida na *polis*. Esta é a síntese da questão da ética e que vem sendo entendida e desenvolvida de diferentes modos na história da humanidade. As virtudes cardeais são o eixo em torno do qual a ação humana acontece, por isso a justiça, a temperança, a fortaleza e a prudência são apontadas como fundamentais na construção da personalidade.

No mundo contemporâneo a ideia da virtude como base da ética tem sido reforçada, principalmente com os escritos do filósofo escocês MacIntyre (1984) que explica o estado de *Desordem Moral* das sociedades pela ausência das virtudes. Analisando os problemas sociais, este pensador encontra a causa da desordem moral na substituição das virtudes por uma atitude de vida calcada no emotivismo, expressão que usa para indicar a sobreposição da emoção à razão na realização de ações.

Na realidade há duas vertentes do desafio da ética no que se refere ao estudo concernente à formação do professor. Uma primeira vertente diz respeito à própria pessoa que se prepara para esta atividade educativa específica. A formação do

professor não é um dado isolado, pois o ser humano vive na sociedade e desde a sua infância aprende a ser cidadão. Educação é uma proposta e o professor é parte decisiva nesta, considerando-se que “a pessoa do professor, a personalidade do professor” (GIUSSANI, 1995, p. 111) seja a centralidade da escola na medida em que sua figura tem um papel fundamental sobre o desenvolvimento integral do aluno. Nunca é demais insistir neste aspecto, de modo que se entenda a formação em seu sentido global, enfatizando-se a cidadania e a responsabilidade com os alunos.

A segunda vertente nos mostra o exercício do ensino da ética aos alunos. Esta é uma faceta delicada e indispensável. Ética se aprende na família, na escola, no lazer, nos grupos da sociedade em geral. Enfatizamos a aprendizagem e a vivência da ética expressa na prática de virtudes, as quais podem assim ser conceituadas tal como Roqueñi (2005, p. 14) apresenta: “Virtudes são princípios próximos de operação, são qualidades habituais subjetivas que permitem o adequado governo da razão sobre o mundo interpessoal e emocional”.

Além dos altos níveis de aquisição de conhecimento, sem dúvida indispensáveis, há que se enfatizar nos cursos de formação de professores o *ethos* em seu pleno sentido de virtudes, valores e inserção social visando-se o bem comum. Esta é a síntese do desafio da ética para todos os envolvidos na organização de cursos de formação de professores. Não se trata de uma prescrição direcionada para grupos particulares dentro da cultura da humanidade como um todo. Nesta perspectiva é que se pode entender a proposta educativa dos antropólogos Stork e Echevarria (2005) para a ação dos professores:

Educar é ensinar não apenas conhecimentos teóricos, mas, sobretudo, modelos e valores que guiam o conhecimento prático e a ação, e ajudem a adquirir convicções e ideais,

conseguindo uma educação nos valores e nas virtudes. (STORK; ECHEVARRIA, 2005, p. 366).

A ética reflete a existência de elementos prescritivos e normativos surgidos na tradição cultural, o que nos leva a entender que a base da ideia de ética se encontra na própria história das civilizações. Pode-se ainda ir mais longe e afirmar que o sentido da vida, (FRANKL, 1987) ou seja, a busca por um sentido real na existência de cada um e dos grupos socioculturais é traço presente em toda organização humana. Ascensão e queda de grandes impérios mostram como eixo a prática ou não de princípios éticos nestas sociedades.

Nem sempre os caminhos traçados para cursos de formação de professores revelam uma real preocupação com as finalidades pretendidas de que os alunos se tornem cidadãos aptos a viverem a autonomia da ética e a seguirem os princípios e valores na sociedade. É preciso que a política educacional seja calcada em fundamentos éticos de modo que as pessoas vivam as virtudes da justiça, respeito, honestidade, entre outras.

Sem pretender estabelecer nenhum guia específico para a formação de professores, ressaltamos algumas competências que definiriam o profissional qualificado para um trabalho consistente e ético nas escolas no que se refere ao ensino de crianças e jovens. Sintetizamos apenas alguns itens que podem servir de base para posteriores planejamentos:

1 – Capacidade Profissional e Alto Nível de Conhecimento Específico.

Em primeiro lugar, destacamos a importância da competência profissional mais alta possível, no que significa o domínio de conteúdos e das técnicas adequadas à sua área de ação. Não se pode partir para nenhuma outra análise sem esta condição. Se este aparato técnico vier a ser negligenciado,

danos graves acontecerão e prejudicarão a qualidade da Educação.

2 – Autoconhecimento.

O professor, assim como todo ser humano, se encontra em uma busca ininterrupta de si mesmo. A base dos conhecimentos está no seu olhar interior, que o orienta para que dê significação a tudo que existe. Deste modo é preciso que se esteja sempre questionando a realidade, numa postura filosófica tal que lhe permita se descobrir como um ser único e ao mesmo tempo pertencente à humanidade, alguém que é indivíduo particular e sujeito social. Este autoconhecimento imprime segurança aos atos e mostra alguém que é transparente, de modo a se exigir de si próprio a coerência de atitudes.

3 – Construção da Liberdade.

O professor é um ser livre que a partir de uma adesão consciente é capaz de construir o seu agir baseado em parâmetros bem definidos e orientar sua vida por uma filosofia honesta. Especificamos aqui o professor devido aos objetivos deste artigo, mas convém salientar que a liberdade é característica marcante e inalienável do ser humano.

4 – Ética e Moralidade.

Deixamos este ponto como último propositalmente, já que na realidade não há uma ordenação sequencial entre os itens acima selecionados, mas este é o aspecto nuclear da discussão aqui apresentada. Foi enfatizada neste artigo a questão do desafio da ética a partir da sua manifestação por meio de valores e virtudes que expressam a vida na moralidade e como o professor precisa estar preparado para vencê-lo. É interessante lembrar que a ética está no cerne de qualquer proposta organizacional visando a formação do professor e que a moralidade é a prática resultante dos princípios éticos.

Ao apresentarmos estas quatro linhas mestras de orientação para a formação de professores estamos visualizando uma ampla atuação e não estabelecendo um modelo. É importante que o professor, como todo cidadão, tenha sua vida pautada pela racionalidade, imparcialidade e moralidade (GERT, 1988). Estes são elementos que de destacados de outra maneira, ainda assim convergem para o que foi aqui apresentado. De alguma forma temos que nos preocupar com as virtudes e valores que o professor desenvolverá não só como a pessoa ética que é, mas como o sujeito responsável pelo ensino e pela educação como um todo de seus alunos.

Reflexões finais

Neste artigo, procuramos entender o processo de formação do professor como educador que é e como se encontra diante do desafio da ética. Observamos neste artigo que a intrínseca relação entre o ser do professor e do educador se manifesta continuamente e de modo principal pelo que se entende por educação. Este é o ponto de partida para a concretização da tarefa do professor. Neste sentido, consideramos uma conclusão importante que nos leva à reflexão a seguinte afirmativa: “Em matéria de educação, como em todas as matérias concernentes à vida do homem, o que é de importância capital é a direção do processo, e a hierarquia dos valores que esta implica” (MARTAIN, 1959, p. 148). Entendemos que o professor tenha sido formado adequadamente de modo a ser capaz de um julgamento que o leve a exercer este papel, sem se deixar iludir por fórmulas mágicas ou metodologias do momento.

A responsabilidade do professor diante dos desafios múltiplos provocados pela preocupação com a sua vivência ética e também a dos alunos só acontece mediante uma formação de excelência. É, portanto, a ética do professor que se formou como cidadão e pessoa de valores a base para que tenha condições de enfrentar e vencer os

desafios no exercício de sua função. Acrescente-se ainda a preocupação não só de vivenciar a ética, mas de ensinar ética por meio dos conteúdos curriculares, o que é a síntese de sua formação acadêmica. Isto, aliás, é o que está prescrito na atual legislação educacional brasileira ao apresentar o ensino da ética, sob a forma de Tema Transversal (BRASIL, 1997) como uma das funções de cada professor, seja qual for a disciplina que deva lecionar. Cabe ao professor trabalhar o seu programa introduzindo os valores que devem ser ensinados a seus alunos de modo que estes possam vivenciar a ética em diferentes situações da sala de aula.

Trata-se de uma metodologia inovadora que exige dos professores uma capacidade de encontrar no conteúdo a ser ensinado os elementos que propiciem o ensino do diálogo, do respeito, da justiça e da amizade. Este é um desafio específico do momento em que se vive esta indicação curricular, o que não significa a única forma de se ensinar e de se aprender ética. Independente da proposta metodológica, o professor está atento às questões éticas e descobre espaços para que as virtudes sejam aprendidas por seus alunos.

As questões inerentes ao processo de ensino/aprendizagem servem de parâmetros para a constituição de programas de formação de professor na medida em que trazem elementos dos conteúdos da disciplina e exigências da vida ética. Este é o binômio de sustentação da formação de professores e para que haja o desejável equilíbrio é preciso que não haja falta de cada um dos dois componentes.

A dificuldade da formação de professores não serve de obstáculo para estas nossas ideias aqui apresentadas. O professor não é excluído de sua posição como ser da sociedade porque está imbuído de funções específicas de ensino de um programa de sua disciplina. Na realidade, o professor é o educador dentro da escola que se associa às demais instâncias educadoras da sociedade no

sentido de proporcionar condições de transformação do aluno, tanto em conhecimentos como em valores. Esta é a bússola que deve orientar a organização dos cursos de formação de professores e por isso finalizamos estas considerações com as seguintes palavras que nos estimulam a continuar refletindo sobre a formação de professores e o desafio da ética:

O Educador é um ser complexo que assume dimensões diversas, especialmente a de professor. [...] suas funções básicas se desenvolvem intrinsecamente entre o **agir** acionando fins, valores e objetos, e o **fazer** modificando o homem concreto (MENDES, 1988, p. 9, grifos do autor).

Referências

- ARISTÓTELES. *Ethique de Nicomaque*. Paris: Flammarion, 1992.
- AUSUBEL, David Paul; ROBINSON, Floyd Grant. *School learning: an introduction to educational psychology*. New York: Holt, Rinehart and Winston Inc., 1969.
- AZANHA, José Mário Pires. Uma reflexão sobre a formação do professor da escola básica. *Educação e Pesquisa*, v. 30, n. 2, p. 369-378, 2004.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Temas Transversais, Ética. Brasília: MEC, 1997.
- BRUNER, Jerome. *The culture of education*. Cambridge: Harvard University Press, 1996.
- DEWEY, John. *The school and society*. Chicago: The University of Chicago Press, 1953.
- FRANKL, Viktor Emil. *Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração*. Porto Alegre: Sulina, 1987.
- GERT, Bernard. *Morality: A new Justification of the Moral Rules*. Oxford: Oxford University Press, 1988.
- GIUSSANI, Luigi. *Il rischio educativo*. Torino: Società Editrice Internazionale, 1995.
- GUSDORF, George. *Professores, para que?* Lisboa: Moraes, 1970.
- ILLICH, Ivan. *Deschooling society*. New York: Marion Boyards, 1970.

LINS, Maria Judite da Costa Sucupira. *A concepção de educador em Durmeval Trigueiro Mendes*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

LONGO, Monique Marques. A ética na formação docente: um Diálogo entre Aristóteles e Freud. In: OLIVEIRA, Renato José de; LINS, Maria Judite da Costa Sucupira (Org.). *Ética e educação: uma abordagem atual*. Curitiba: CRV, 2009. p. 137-164.

MACINTYRE, Alasdair. *After virtue*. Indiana: Notre Dame University Press, 1984.

MARITAIN, Jacques. *Education at the crossroads*. New Haven: Yale University Press, 1968.

MARITAIN, Jacques. *Pour une philosophie de l'éducation*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1959.

MELLO, Guiomar. Namo de. *Cidadania e competitividade*. Desafios educacionais do terceiro milênio. São Paulo: Cortez, 2005.

MENDES, Dumerval Trigueiro. *Filosofia da educação Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

MENDES, Dumerval Trigueiro. Governo da universidade. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 47, n. 105, p. 68-90, 1967.

MENDES, Dumerval Trigueiro. Subsídios para a concepção do educador. In: MENDES, Dumerval Trigueiro. *Concepção do educador e da Universidade*. Joao Pessoa: UFPB, 1988. p. 9-20.

PIAGET, Jean. *Etudes sociologiques*. Paris: Librairie Droz, 1977.

ROQUEÑI, José Manuel. *Educación de la Afectividad*. Pamplona: Eunsa, 2005.

SMAGORINSKY, Peter; COOK, Leslie Susan; JOHNSON, Tara Star. The twisting path of concept development in learning to teach. *Teachers College Record*, v. 105, n. 8, p. 1399-1436, 2003.

STORK, Ricardo Yepes. *Fundamentos de antropologia*. Um ideal de excelência humana. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Ramon Llull, 2005.

TEIXEIRA, Anísio. *Educação não é privilégio*. 6a ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

VYGOTSKY, Lev. *Educational psychology*. Boca Raton: St. Lucie Press, 1997.